



Ano 2 | # 02 | edição bimestral | março e abril de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Revisitando a teoria crítica da indústria cultural

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antonio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. 215 p.

ISBN: 978-85-7559-123-9.

Vitor Cei Santos¹

Nos 40 anos da morte de Theodor W. Adorno faz-se necessário atualizar o conceito de “indústria cultural” com o propósito de recriar os nexos que ele guarda com as dimensões do mundo atual. Adorno, um dos principais teóricos do capitalismo tardio, elucidou as relações da cultura da mídia com o processo de produção e acumulação capitalista, chamando a atenção para as origens econômicas e funções ideológicas dos produtos da indústria cultural.

Nessas quatro décadas que nos separam do filósofo frankfurtiano – ele faleceu em agosto de 1969 - a emergência de novos tipos de vida social, o aparecimento de novos traços formais na vida cultural e a consolidação de uma nova ordem econômica mundial trouxeram diversas transformações sociais que tornaram sua teoria crítica obsoleta em alguns aspectos.

Os autores do livro *A indústria cultural hoje* retomam o conceito adorniano como ponto de partida para a análise da lógica cultural do capitalismo tardio. Em uma perspectiva crítica, tratam a mídia como um objeto revelador da dinâmica do mercado, da cultura, da política e da sociabilidade instauradas na fase atual do capital. De diversos modos, eles mostram que o conceito do filósofo alemão é um instrumento epistemológico com

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Jornalista, graduado em Comunicação Social pelo Centro Universitário Vila Velha e bacharel em Filosofia pela UFES.

o qual podemos compreender a pós-modernidade, abrindo a possibilidade para uma crítica da cultura contemporânea.

Sem se filiar a um único sistema de categorias elaborado pelas teorias críticas nacionais ou estrangeiras, essa obra de caráter interdisciplinar divide-se em cinco partes, em que exerce um diálogo com a filosofia, a psicanálise, a teoria da comunicação, a teoria literária e a educação.

A primeira seção, dedicada à análise filosófica da indústria cultural, reúne artigos de dois pesquisadores brasileiros e dois estrangeiros. Em exercícios críticos transdisciplinares, eles lidam com implicações filosóficas do conceito de indústria cultural, teorizando sobre a lógica específica da produção cultural no atual estágio do capitalismo.

Robert Hullot-Kentor, do Departamento de Inglês da Long Island University, analisa em que sentido a indústria cultural não mais existe, mostrando a permanência da barbárie que a indústria da cultura se esforça em ocultar. Christoph Türck, do Instituto de Filosofia da Universidade de Leipzig, aborda a questão do hipertexto enquanto novo instrumento de dominação. Fábio Akcelrud Durão, do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, caracteriza a superprodução semiótica, enfatizando suas implicações estéticas, sociais e psíquicas. Fechando a seção, Antonio Zuin, do Departamento de Educação da UFSCar, pensa a indústria cultural hoje a partir de uma crítica do filme *Necrocam*, que com o uso de *webcams* faz um retrato mórbido da morte.

A segunda parte do livro aborda a relação do conceito adorniano com o psiquismo, mostrando que a indústria da cultura codifica relações de poder e dominação, incorporando e divulgando discursos sociais e políticos cujas compreensões exigem um viés de leitura psicanalítico. Luiz Calmon Nabuco Lastoria, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, reflete sobre a subjetividade contemporânea a partir de uma investigação das novas configurações do aparato pulsional. O outro autor da seção, Conrado Ramos, coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação da Unip, estuda as conseqüências das novas configurações do aparato pulsional em relação ao consumismo do mundo administrado.

Nas últimas décadas, o âmbito da cultura foi totalmente absorvido pela lógica do capitalismo tardio. Uma virada cultural colocou a cultura no centro da lógica de

acumulação do mercado. Cultura e comércio se fundiram e passaram a se alimentar de forma recíproca. Desse modo, a própria cultura se tornou uma mercadoria para ser vendida e consumida.

Ingressando no âmbito dos estudos comunicacionais, a terceira seção dialoga com a anterior, analisando de que modo a infraestrutura industrial da cultura da mídia sustenta as modificações no psiquismo. Rodrigo Duarte, do Departamento de Filosofia da UFMG, inicia seu artigo comparando a “indústria cultural global” com o modelo “clássico” examinado por Adorno e Horkheimer no início da década de 1940, mostrando em que medida essa crítica continua valendo no contexto histórico atual. Duarte encerra seu texto refletindo sobre como o esquematismo da indústria cultural perverte a proposta kantiana da relação entre sujeito e objeto.

Renato Franco, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Teoria Crítica da UNESP-Araraquara, encerra a seção de estudos comunicacionais analisando o planejamento industrial do “espírito objetivo” a partir de uma leitura dos atuais estudos de Adorno sobre a televisão.

A quarta parte da obra volta-se para os Estudos Literários, discute o potencial crítico da literatura, mostrando que escritores como Aldous Huxley e Thomas Mann não fizeram concessões à indústria cultural. O artigo de abertura é de Newton Ramos-de-Oliveira. O doutor em Educação faz uma retrospectiva das utopias e distopias literárias, discutindo seu potencial crítico.

Jorge de Almeida, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, analisa a leitura que Adorno fez de Huxley. O professor conclui que a visão do escritor inglês sobre a indústria cultural prefigurava a conjuntura atual. Em seguida, Bruno Pucci, do Departamento de Educação da UFSCar, analisa a colaboração entre Adorno e Thomas Mann na composição do romance *Doutor Fausto*. O professor aponta para um modelo de produção cultural colaborativa antagônico ao da indústria cultural. Encerrando a seção, Luiz Hermenegildo Fabiano, do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá, retoma as reflexões de Adorno e Horkheimer para discutir a sedução autoritária da cultura reduzida ao entretenimento.

A última parte do volume dedica-se à educação, mostrando a relevância da Teoria Crítica para a realidade educacional atual. Andreas Gruschka, do Instituto de Educação

da Universidade de Frankfurt (Johann Wolfgang Goethe), apresenta os resultados de um estudo empírico em que conclui que a escola prepara os alunos para a indústria cultural, em um processo de antiformação. Claudio Almir Dalbosco, da Universidade de Passos Fundo, analisa a indústria educacional e seu processo de mercantilização desregulamentada do ensino superior no Brasil. Em seguida, quem fecha a obra é Alexandre Vaz, coordenador do núcleo de estudos e pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea da UFSC. Ele analisa as relações entre corpo, espetáculo e fetichismo como questões para a compreensão do movimento da indústria cultural atual, apontando para possibilidades de resistência através de atividades nas escolas.

A indústria cultural hoje é um convite para pensarmos a respeito de questões pertinentes ao nosso tempo. Sem buscar oferecer respostas definitivas para os problemas apresentados, rompendo com a conservadora visão monolítica do real, os autores se inserem numa reflexão sobre a teoria crítica como campo de conhecimento diretamente vinculado à resistência cultural e à consciência da opressão e desigualdade social. Por isso, a obra merece lugar em qualquer boa biblioteca de Ciências da Comunicação, Estudos Literários e Filosofia.

